

Artigo

A DIMENSÃO EDUCATIVA NA PRODUÇÃO DA PESQUISA: CONTRIBUIÇÕES DA PERSPECTIVA FREIRIANA PARA A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO

Marília Claudia Favreto Sinãni¹Darlene da Silva Furtado²Julia Rocha Clasen³

DOI: 10.29327/2336496.8.2-2

Resumo: O contexto sociocultural da América Latina e Caribe é historicamente marcado pela tradição colonial inscrita nas dimensões epistemológicas e ontológicas através do tempo. Na atual conjuntura, em meio aos contraditórios fenômenos políticos e sociais, percebe-se que a “cultura do silêncio” ainda é parte constituinte da realidade social, estendendo-se à forma como o conhecimento é produzido dentro de limites hierárquicos e dualistas, muitas vezes, encobertos pelos métodos ocidentais medidores do grau de legitimidade da ação de fazer pesquisa. Diante disso, o presente artigo parte dos estudos freirianos para refletir a dimensão educativa nas práticas de pesquisa, entendendo que, na medida que pesquisamos, participamos de um processo coletivo, de conscientização de si e do mundo. Para isso, são referenciadas as experiências dos Círculos Epistemológicos, apresentados por Romão et al. (2006), na intenção de *sulear* a ação pesquisadora, repensar a forma como a vemos e produzimos, propor o desprendimento e a abertura de fissuras no campo epistêmico, reconhecendo a potência da linguagem visual neste processo. Entende-se que não existem “donos” do saber na ação de fazer pesquisa, mas, sim, companheiros de pronúncia do mundo, sujeitos inconclusos, comprometidos em construir novos sentidos e significados à realidade, de forma relacional e dialógica.

Palavras-chave: Círculos Epistemológicos; Conscientização; Pesquisa.

LA DIMENSIÓN EDUCATIVA EN LA PRODUCCIÓN DE LA INVESTIGACIÓN: CONTRIBUCIONES DE LA PERSPECTIVA FREIREANA A LA CONSTRUCCIÓN DEL CONOCIMIENTO

Resumen: El contexto sociocultural de Latinoamérica y el Caribe está marcado históricamente por la tradición colonial inscrita en las dimensiones epistemológica y ontológica a lo largo del tiempo. En la actual coyuntura, en medio a contradictorios fenómenos políticos y sociales, se percibe que la «cultura del silencio» aún es parte constitutiva de la realidad social, extendiéndose a la forma en que se produce el conocimiento dentro de límites jerárquicos y dualistas, muchas veces encubiertos por métodos occidentales que miden el grado de legitimidad de la acción de investigar. Ante ello, este artículo se apoya en los estudios freirianos para reflexionar sobre la dimensión educativa de las prácticas de investigación, entendiendo que, al investigar, participamos en un proceso colectivo de concientización de nosotros mismos y del mundo. Para ello, nos referimos a las experiencias de Círculos Epistemológicos, presentados por Romão et al. (2006), con la intención de *sulear* la acción investigadora, repensar la forma en que vemos y producimos, proponer el desprendimiento y la apertura de grietas en el campo epistémico, reconociendo la potencia del lenguaje visual en este proceso. Se entiende que no existen “dueños” del saber en la acción de hacer investigación, sino compañeros de pronunciamiento del mundo,

¹ Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas e Doutoranda no mesmo programa/instituição. Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5135-9484> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6244887997791951>

² Doutora em Políticas Sociais e Direitos Humanos pela Universidade Católica de Pelotas. Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-7609-5117> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9523045899750178>

³ Cientista Social. Mestra e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Bolsista CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8899-1475> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6129377528010597>

sujetos inconclusos, comprometidos en construir nuevos sentidos y significados a la realidad, de forma relacional y dialógica.

Palabras claves: Círculos epistemológicos; Concientización; Investigación.

THE EDUCATIONAL DIMENSION IN THE PRODUCTION OF RESEARCH: CONTRIBUTIONS FROM THE FREIREAN PERSPECTIVE TO THE CONSTRUCTION OF KNOWLEDGE

Abstract: The socio-cultural context of Latin America and the Caribbean is historically marked by the colonial tradition inscribed in the epistemological and ontological dimensions throughout time. At the current juncture, in the midst of contradictory political and social phenomena, it can be seen that the “culture of silence” is still a constituent part of social reality, extending to the way in which knowledge is produced within hierarchical and dualistic limits, often covered up by western methods that measure the degree of legitimacy of the action of doing research. In view of this, this article draws on Freirean studies to reflect on the educational dimension of research practices, understanding that, as we research, we participate in a collective process of becoming aware of ourselves and the world. To this end, we refer to the experiences of Epistemological Circles, presented by Romão et al. (2006), with the intention of *southing* the researcher's action, rethinking the way we see and produce, proposing detachment and the opening of fissures in the epistemic field, recognizing the power of visual language in this process. It is understood that there are no “owners” of knowledge in the action of doing research, but rather companions in pronouncing the world, inconclusive subjects, committed to building new senses and meanings to reality, in a relational and dialogical way.

Keywords: Epistemological circles; Conscientization; Research.

Introdução

Na conjuntura atual, estamos vivenciando fenômenos políticos e sociais cada vez mais complexos, ancorados em justificativas contraditórias. Em diversos setores da sociedade, nos deparamos com práticas de dominação naturalizadas, que vão desde o controle da natureza até o controle das consciências, e a produção de conhecimentos não está livre de ser cooptada a serviço da manutenção da situação opressora. A construção do conhecimento também se faz dentro de uma sociedade marcada por tensionamentos entre fatalismo e conscientização, podendo corroborar tanto à normalização das hierarquias no campo epistêmico, como à libertação dos mecanismos de poder presentes em nossa formação.

O convívio com as práticas de dominação e seus mecanismos de poder fazem parte de um círculo vicioso que tem nos levado a negar a existência da situação opressora, direcionando para o esquecimento e a invisibilização das violências que compõem a realidade social. Tais mecanismos estão inscritos na nossa formação e refletem nas experiências de vida e na forma como compreendemos o mundo como um todo, influenciando também o modo como fazemos pesquisa, pois seus métodos e procedimentos ainda estão ancorados em uma perspectiva de dominação de alguns grupos sobre outros. Há séculos existem métodos responsáveis por classificar e medir o grau de legitimidade das pesquisas científicas. A ideia

de neutralidade na pesquisa, por exemplo, é um dos tantos conceitos que adotamos na tentativa de encaixá-la dentro das normas que podem garantir a sua legitimidade no campo epistêmico, distanciando-nos daquilo que estamos produzindo e da unidade dialética reflexão-mundo.

Revisitar as obras de Paulo Freire significa também aceitar um convite à reflexão sobre a atualidade, reforçando suas problematizações. Afinal, vivemos em um contexto no qual a “cultura do silêncio” ainda não foi superada, pelo contrário, ela se estende ao presente e mantém o vínculo com o passado colonial. Marcada por heranças do colonialismo, da escravidão e do poder ditatorial, a realidade social dos países que constituem América Latina e Caribe ainda se faz dentro da situação opressora e isso reflete na produção de conhecimentos, uma vez que, as dimensões epistemológicas ainda são organizadas a serviço da manutenção da exploração e opressão de corpos e mentes.

Nas obras de Paulo Freire encontramos caminhos para a conscientização crítica e a esperança de um dia superarmos a “cultura do silêncio” ainda presente na produção de conhecimentos. Assim, levando em consideração a complexidade do nosso contexto geográfico, histórico, cultural e político, apontamos a importância de *sulear*⁴ nossas discussões sobre a ação de fazer pesquisa, compreendendo-a como uma experiência educativa que atua no sentido da conscientização de si, do outro e do mundo. Neste artigo, propomos discussões sobre o que é fazer pesquisa desde o Sul Global e refletimos sobre a importância de criar alternativas que não reduzam essa prática a um conjunto de procedimentos técnicos de caráter objetivo e “neutro”.

O legado do pensamento freiriano também traz aportes para confrontarmos a legitimidade da tradição colonial e do pensamento ocidental na organização das dimensões epistemológicas e ontológicas, pois vê a história como possibilidade e não como determinismo, defendendo o diálogo e a relacionalidade frente ao autoritarismo e a hierarquia. Partindo das suas contribuições, discorreremos sobre os Círculos Epistemológicos, propostos por Romão et al. (2006), e, formulados a partir de uma leitura dos Círculos de Cultura de Paulo Freire, enquanto alternativa epistemológica e metodológica para *sulear* nossas ações

⁴ O pensamento freiriano utiliza o verbo “sulear” como uma contraposição ao verbo “nortear” com o objetivo de denunciar o caráter ideológico presente no segundo verbo e anunciar perspectivas epistemológicas e metodológicas alternativas abertas a caminhar no sentido da libertação desde o Sul Global. A expressão “nortear” traz consigo as marcas de um processo colonizador em que o Norte é o horizonte a ser considerado como centro do debate. Com o verbo “sulear”, Freire contribui ao movimento de descolonização da linguagem e do pensamento, uma vez que o ponto de partida às reflexões é o contexto concreto, histórico e cultural do Sul.

pesquisadoras no sentido da libertação⁵. Com isso, problematizamos as hierarquias ainda presentes no campo epistêmico na intenção de compreender a ação de fazer pesquisa como possibilidade de transformação, desprendida de suas estruturas rígidas.

Nesse sentido, este artigo está dividido em três seções. A primeira seção denuncia os impactos da “cultura do silêncio” na produção de conhecimentos, traçando uma discussão crítica, relacional e reflexiva sobre a situação opressora no contexto latino-americano. A segunda seção anuncia a dimensão educativa da ação de fazer pesquisa, trazendo contribuições dos Círculos Epistemológicos para pensá-la como ação pedagógica e conscientizadora de si e do mundo. Na terceira seção, compartilhamos uma experiência de pesquisa que utilizou os Círculos Epistemológicos e apresentamos a proposta do uso de imagens na produção da pesquisa, como ferramenta aberta para trabalhar, dentro e a partir das contradições de modo relacional, uma alternativa metodológica e epistemológica potente à leitura crítica individual e coletiva das problemáticas do mundo atual.

1. A produção de conhecimento e a “cultura do silêncio”

Em todas as nossas experiências, construímos e compartilhamos conhecimentos, atribuindo plurais significações à realidade na medida que vivenciamos o mundo de maneira individual e coletiva. Nas tessituras da vida social, conhecemos conceitos produzidos historicamente pela humanidade e os utilizamos para tentar dar sentido à nossa existência. Porém, precisamos considerar que essa produção de sentidos e significados não é linear ou homogênea, mas representa um processo em disputa, em um mundo repleto de conceitos e saberes diversos, a forma como compreendemos a realidade, está marcada por contradições estruturais e históricas, principalmente se levarmos em consideração a formação do nosso contexto, composto por violências herdadas de um passado colonial ainda entrelaçado no presente.

Os países que compõem América Latina e Caribe tendem a partilhar a experiência do colonialismo, da espoliação, da invasão cultural, ações violentas e antidialógicas intrínsecas ao período histórico de expansão territorial em que a Europa impôs sua visão de mundo aos povos do Sul Global. Proibidos de ser e dizer a sua palavra, os povos invadidos se formaram na dualidade, condicionados pela falsa narrativa que há séculos denomina a invasão cultural

⁵ A pedagogia de Paulo Freire tem no conceito de libertação um de seus pilares. Articulado aos conceitos de conscientização e transformação social radical, o referido conceito embasa uma teoria pedagógica e filosófica que assume o compromisso político a favor das classes populares e em busca de processos humanizadores.

como ‘conquista’ e presente ‘civilizatório’ enquanto classifica outras culturas e saberes como primitivos, alimentando a existência de culturas inferiores e culturas superiores ao longo da história (Freire, 2000). Em razão disso, aprendemos a ver o mundo a partir da visão dualista do invasor, acreditando que a história dos colonizados só começa com a presença ‘civilizatória’ do colonizador, como se esse fosse o único capaz de produzir cultura, arte e conhecimento (Freire, 1978).

Dentro dessa perspectiva dualista, a cultura daquele que invade é considerada superior à cultura daquele que é invadido, criando assim o mito da inferioridade ontológica dos povos invadidos em que

[...] os invasores são os autores e os atores do processo, seu sujeito; os invadidos, seus objetos. Os invasores modelam; os invadidos são modelados. Os invasores optam; os invadidos seguem sua opção. Pelo menos é esta a expectativa daqueles. Os invasores atuam; os invadidos têm a ilusão de que atuam, na atuação dos invasores (Freire, 2013, p. 158).

Com base na ideia de superioridade, entende-se que cabe ao invasor desenvolver culturalmente os povos invadidos, uma ação de domínio violenta que se estende a todos aspectos da vida e, é justificada como consequência inevitável ao processo civilizador, falácia desenvolvimentista que atua a serviço da manutenção da opressão e da dependência (Dussel, 2005). Essa perspectiva dualista corrobora para que não apenas a dimensão ontológica dos povos e culturas invadidas seja inferiorizada, mas também a dimensão epistemológica, que sofre constante processo de inferiorização e cooptação.

No Brasil, nosso histórico de escravização, torturas, governos autoritários e elitistas que desdenham dos direitos humanos resultou na generalização da política da violência e das políticas do silêncio, fazendo com que a nossa história se tornasse a história da validação de práticas desumanas e sua impunidade (Freire, 2015). O peso do passado colonial permanece presente nas estruturas de América Latina e Caribe e continua sendo parte constituinte da nossa realidade social, que se faz dentro dos limites da dependência em relação ao eixo euro-estadunidense. Considerado subdesenvolvido, o contexto latino-americano tende a sofrer com a experiência da continuação da “cultura do silêncio” que resulta das relações estruturais hierarquizadas entre colonizado e colonizador, oprimido e opressor, superioridade e inferioridade (Freire, 1979). Desta forma, a dependência vai atualizando seus mecanismos de poder na medida que restringe o direito à palavra dos grupos classificados como inferiores.

A restrição do direito à palavra a qual problematizamos aqui não se refere apenas à proibição histórica dos povos de falarem suas línguas devido à imposição da língua do

colonizador, mas também à proibição cotidiana da dimensão dialógica através de mecanismos de poder. Passados séculos desde o período histórico da colonização, os povos invadidos ainda encontram obstáculos para pronunciar a sua palavra. Nem sempre a invasão e suas táticas de dominação são físicas, muitas vezes, a violência é camuflada, pois todos os meios podem ser utilizados para proibir o diálogo e o pensamento crítico. Não dizer a sua palavra é ter o direito à identidade, dignidade e criatividade roubados.

Restringir o direito dos seres humanos de dizer sua palavra no e sobre o mundo é também os proibir de serem construtores da sua própria história, de serem criadores da realidade e de si mesmos. Assim, a “cultura do silêncio” priva os nossos sentidos na produção de conhecimentos. Vivemos em uma situação opressora composta por mecanismos de poder cada vez mais sutis que continuam nos impelindo a olhar para além das lentes dominantes. Tais mecanismos são invisibilizados até que se tornem tão naturais aos olhos que já não se precisa mais do empréstimo da ótica opressora, quando menos se espera, ela está inscrita em nós como se ali já tivesse nascido.

No lugar do direito a pronunciar sua palavra, as narrativas dominantes naturalizam o direito ao silêncio, revelando um cenário marcado pela hierarquia e pelo autoritarismo. Afinal, na situação opressora, quem tem o direito de falar e se expressar? E quem tem o direito a produzir conhecimento? A serviço da manutenção da “cultura do silêncio”, existe uma sociedade-objeto e uma sociedade-dirigente (Freire, 1979), e isso reflete no modo como produzimos conhecimento dentro de uma perspectiva hierárquica e autoritária.

A sociedade-dirigente é aquela que fala e pressupõe “ter uma palavra verdadeira” a ser dita, classificando e mantendo a sociedade-objeto como sua dependente, silenciosa e ambígua. É através da “cultura do silêncio” que a sociedade-dirigente manipula a sociedade-objeto, sendo esta fruto da relação complexa do Terceiro Mundo com a metrópole. Essa manipulação também está presente no campo epistêmico, espaço ainda permeado por mecanismos de poder que mantém relações epistemológicas assimétricas entre quem aprende e quem ensina, quem pesquisa e quem é pesquisado.

Na produção da pesquisa, é possível identificar o quanto essas relações epistemológicas assimétricas também se fazem presentes. Por se constituir na situação opressora, decorrente dos processos de dominação e da invasão cultural, a pesquisa também carrega hierarquias. A expressão “objeto de pesquisa” e o termo “neutralidade”, por exemplo, embora sejam muito utilizados no meio acadêmico, parecem ver os grupos populares como

meras incidências do estudo, fazendo com que os únicos sujeitos da ação pesquisadora sejam os pesquisadores profissionais (Freire, 2006).

A ideia de que a neutralidade política garante a cientificidade na pesquisa está enraizada na forma como produzimos conhecimento. Como herança do positivismo, o conhecimento ainda é tido como algo gerado pela observação da realidade e, dentro deste viés, para ter legitimidade, a produção científica também costuma estar associada à “dissecação de fatos, comportamentos ou sistemas de representação como se eles fossem meros objetos inanimados” (Oliveira e Oliveira, 2006, p. 22), sendo destituída de intencionalidade política.

O modo como produzimos e orientamos nossas ações pesquisadoras tendem a seguir esta perspectiva que, além de fortalecer a ciência como ferramenta de engenharia social, também restringe o campo das ciências humanas e sociais à reprodução da maneira como as ciências naturais realizam a pesquisa científica: prevendo, observando, analisando, descrevendo, quantificando, constatando. Desta forma, conforme os estudos de Oliveira e Oliveira (2006, p. 22), o cientista que estuda a sociedade de acordo com as normas positivistas se distancia dela para observar e examinar os dados, entendendo que “os fatos sociais devem ser examinados com o mesmo distanciamento e frieza com que um entomologista observa seus insetos”.

Assim como na sala de aula, do ponto de vista hierárquico, o educador ainda é visto como um mestre que detém o saber e ensina aquele que não sabe, na ação de fazer pesquisa, o pesquisador ocupa uma posição semelhante. O pesquisador ainda é aquele que “tem a palavra”, o único a ocupar a posição de autor na produção de conhecimentos. Enquanto isso, as demais pessoas envolvidas na pesquisa são tidas como objetos dela, alvos da análise e da enunciação do pesquisador. Nessa relação, tornam-se perceptíveis a hierarquia e a repetição da ideia de superioridade e inferioridade.

Pesquisar nas áreas das ciências humanas e sociais têm um alto grau de complexidade no que se refere à pesquisa de fenômenos presentes na realidade social e na humanidade. Adequar a produção de conhecimentos dentro dos parâmetros da objetividade e neutralidade faz com que se fortaleça a visão de que existe separação entre “o sistema de valores do cientista e os fatos sociais, objeto de sua observação e análise” (Oliveira e Oliveira, 2006, p. 22). Entretanto, há contradição quando o pesquisador se vê somente como observador

imparcial que analisa a realidade, pois ele não está fora da situação opressora, faz parte dela assim como os demais envolvidos na pesquisa.

Essa ciência neutra e objetiva ignora os saberes populares e, ignorando-os, também os distanciam da produção de conhecimentos, como se estes fossem inferiores. Isso corrobora para que pesquisadores e pesquisadoras reproduzam a mesma lógica do colonizador ao pensar e conhecer o mundo (Freire, 2006), alimentando relações hierárquicas no campo epistêmico. Por isso, precisamos estar conscientes de que não existem especialistas, pesquisadores ou metodologistas neutros, pelo contrário, os saberes são organizados dentro de uma realidade social que ainda sofre com a opressão e a dependência.

Conforme Freire (2017), quando a “cultura do silêncio” se converte em conotação básica da sociedade, a conscientização se torna mais difícil e as hierarquias passam a ser vistas como parte natural da vida. Diante disso, é preocupante que a produção de conhecimentos se restrinja à repetição do *modus operandi* mantenedor da tradição colonial e do fatalismo na sociedade. Partindo de um movimento crítico e autocrítico, não podemos negar o caráter elitista no meio acadêmico e as suas influências positivistas na limitação de uma ciência que não leva em conta questionamentos complexos e profundos.

Ignorar que a nossa realidade social é hierarquizada e autoritária, assim como as nossas práticas, pode reduzir a ciência e a produção de conhecimentos como um todo àquilo que é visível, quantificável, fazendo com que o desejo pela mudança das estruturas dominantes, a esperança e a utopia sejam silenciados. Percebe-se, então, o quanto a ação daquele que pesquisa pode ser fator de consolidação do consenso social, sendo necessário estar consciente de que ao se tratar de estudos sobre sociedade e sujeitos, não há como prever ou controlar resultados. Nossa realidade social está em permanente construção, mas é contraditória e constituída por tensionamentos, um campo de disputas que nos surpreende de diversas maneiras, não bastando ser observada do alto da torre de marfim em que, muitas vezes, pesquisadores se colocam (Oliveira e Oliveira, 2006).

Apesar dos mecanismos de poder que mantêm a “cultura do silêncio”, a sociedade não deixa de ser composta por gritos e reivindicações que buscam construir caminhos no horizonte da libertação. Dos povos e expressões das culturas que os invasores não conseguiram matar, resistem saberes que nos instigam a construir alternativas na produção de conhecimentos. Mesmo em contextos histórico-culturais marcados pelo autoritarismo e pela hierarquia nas relações sociais, há movimentos confrontando as tentativas de dominação e

controle do passado e do presente, questionando a tradição colonial e produzindo novos modos de ser e pensar.

O mesmo ocorre na produção de conhecimentos, pois, embora a política do silêncio ainda esteja incorporada nas dimensões ontológica, epistemológica e metodológica – aprimorando suas técnicas de tornar os mecanismos de poder invisíveis e/ou cada vez mais sutis –, o modo de fazer pesquisa estabelecido pelo pensamento ocidental têm sido cada vez mais problematizado por grupos que lutam para pronunciar a sua palavra. São grupos que transgridem as normas institucionalizadas sobre a ação pesquisadora e provocam fissuras no campo epistêmico na intenção de abrir caminhos para a mudança. Em pesquisas teóricas e empíricas, muitas pessoas vêm trabalhando para retomar o direito à palavra, seja através da escrita, da fala, do pensar ou do agir, movimentos que também reconhecem nosso direito à não imparcialidade e autonomia.

A partir das fissuras provocadas por estes grupos, entendemos a necessidade de ampliar nossos olhares sobre a ação de fazer pesquisa e nos desprendermos do modo de fazer pesquisa imparcial e objetivo que molda nossos valores e atua como responsável por medir o grau de legitimidade e cientificidade dos nossos estudos. Assumir uma postura de neutralidade nos processos da pesquisa, é fator que garante a dita “pureza” dos resultados? Ou essa posição neutra serve especialmente para corroborar a continuidade da “cultura do silêncio” no campo epistêmico? Quais são os critérios que classificam uma pesquisa como verdadeiramente científica? Movidas por estes questionamentos, revisitamos nossas experiências e buscamos formas de produzir nossas pesquisas sem reduzi-las a um conjunto de procedimentos técnicos, classificados como critério objetivo e neutro.

2. A criação da pesquisa como ação pedagógica de si e do mundo

A ação de produzir a pesquisa científica com a qual fomos habituados, vem acompanhada de procedimentos e normas que servem para medir seu grau de complexidade e cientificidade. Levando em consideração nosso contexto geográfico, histórico e político, acreditamos na importância de *sulear* as nossas discussões, com o objetivo de nos fazermos cada vez mais conscientes dos mecanismos de poder presentes em nossa realidade social, que ainda são entraves na forma como produzimos conhecimento.

Quando visitamos os referenciais teóricos e metodológicos que tendem a orientar a ação de fazer pesquisa nas universidades e academias, muitas vezes, nos deparamos com a

preponderância da hegemonia do Norte global, cujo pensamento centra-se nas experiências euro-estadunidenses e sua concepção dominante de ciência. De acordo com a socióloga boliviana, de origem Aymara, Silvia Rivera-Cusicanqui (2010), nos países latino-americanos, a intelectualidade ainda está atada ao ponto de vista ocidental e seus seguidores que constroem estruturas de poder responsáveis por verticalizar a produção de conhecimentos, na maioria das vezes negligenciando a produção intelectual dos povos indígenas e afrodescendentes.

De acordo com Brandão (2006), são os critérios cartesianos de racionalidade que constroem a ideia dominante de ciência e permanecem inculcados na forma como a pesquisa é produzida. Essa racionalidade é fechada e considerada imiscível, pois, desde a ótica ocidental, não se mistura com emoção, política e criatividade, corroborando para a manutenção dessas estruturas hierarquizadas de poder. Apoiada nos seus critérios de racionalidade, a cultura ocidental unifica as oposições para manter a intelectualidade restrita a relações maniqueístas e “aquietar ese magma de energías desatadas por la contradicción vivida, habitada” (Rivera-Cusicanqui, 2018, p. 102) que entretece “o drama existencial da finitude humana” (Freire, 2013, p. 19).

Os estudos freirianos consideram que vivemos em um regime de dominação de consciências e apontam para a necessidade da conscientização das contradições do mundo humano, para que elas não sejam mais naturalizadas. Enquanto a cultura ocidental busca a adaptação à tranquilidade do Uno como realidade social (Rivera-Cusicanqui, 2018) e acomodar as contradições da vida humana, as contradições conscientizadas não “dão mais descanso, tornam insuportável a acomodação” (Freire, 2013, p. 23). Em outras palavras, dialogando com essa discussão, é urgente que busquemos maneiras de entender que a intelectualidade não está dissociada do contexto histórico-cultural ao qual pertencemos, não é fechada e imiscível, mas, sim, plural e dialógica.

Trazendo estes apontamentos para nossas discussões sobre pesquisa como ação pedagógica, compreendemos que a produção de pesquisa exige a conscientização acerca das contradições para trabalharmos dentro e a partir delas, pois a sua polaridade também pode ser vista como espaço de criação de novos sentidos e significados, pontos de vista críticos, plurais e alternativos. Essa tarefa exige momentos de diálogos abertos a compreender que estar consciente das contradições implica ora reconhecer-se na figura do opressor e ora na do oprimido, problematizando os impactos dos tensionamentos entre a cultura ocidental e as

culturas historicamente oprimidas, entre o pensamento do Norte global e o do Sul global, no entanto, “no es ni lo uno ni lo otro, sino todo lo contrario, es ambos a la vez” (Rivera-Cusicanqui, 2018, p. 102).

A dimensão educativa na ação de produzir pesquisa se mostra quando aprendemos na medida que a construímos, um exercício crítico e dialógico de conhecimento de si e do mundo, de conscientização das contradições coletivas. Trata-se de um exercício de conhecimento de si porque nos incita a questionar: o que de dominante estamos reproduzindo em nossas práticas de pesquisa? E é nesse momento que percebemos que as contradições não fazem parte apenas daquilo que produzimos sobre a realidade social, mas também de nós, pois nos formamos na situação opressora e fomos ensinados a nos adaptar à ela, portanto, também somos contraditórios. Na medida que pesquisamos, desvelamos a realidade social e a nós mesmos, nos conscientizamos das contradições coletivamente.

Produzir a pesquisa também exige que aprendamos a dialogar. É preciso aprender a se desprender da arrogância de considerar-se “dono do saber” na produção da pesquisa e a problematizar as suas hierarquias, trata-se de um movimento de contínuos questionamentos sobre nossa posição na pesquisa e no mundo:

Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim? Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros “isto”, em quem não reconheço outros eu? Como posso dialogar, se me sinto participante de um gueto de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são “essa gente”, ou são “nativos inferiores”? Como posso dialogar, se parto de que a pronúncia do mundo é tarefa de homens seletos e que a presença das massas na história é sinal de sua deterioração que devo evitar? Como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela? (Freire, 2013, p. 88).

Não há diálogo enquanto existirem hierarquias na produção da pesquisa e aqueles/as que pesquisam não se inserirem de forma crítica e autocrítica na realidade. Esse processo é educativo e exige um esforço comum de consciência e autoconsciência dos/as participantes da pesquisa. Discutir o processo de autoconsciência na produção de nossas pesquisas nos convida à autocrítica e ao autoconhecimento, pois, se nós somos seres sociais em construção, autocriticar-se traz aberturas para compreender que a ação de investigar não é uma ação acabada. Existem “modos de fazer” pesquisa historicamente legitimados no campo epistêmico, no entanto, buscar a autocrítica nos processos investigativos não nos faz inferiores, mas sim pesquisadores/as-perguntadores/as e, antes de tudo, aprendentes.

Sulear nossas pesquisas é um convite a assumir uma posição consciente, crítica e dialógica, para que possamos aprender a trabalhar e a construir o novo, dentro e a partir da

contradição. Ao invés de “admirar” e adaptar-se aos critérios de racionalidade ocidentais, buscamos denunciá-lo, questioná-lo e transformá-lo, conforme orienta Paulo Freire (2013). Produzir a pesquisa no sentido de enfrentamento daquilo que está enraizado nas academias e universidades traz também uma dimensão educativa, pois exige que realizemos um exercício crítico sobre a nossa própria realidade e experiências de vida, entendendo que ser pesquisador/a é ser companheiro/a de pronúncia do mundo. Assim como educadores/as e educandos/as aprendem em “reciprocidade de consciências”⁶, aqueles/as que participam da produção da pesquisa aprendem com ela e, na medida que são pesquisados, também estão pesquisando (Romão et al., 2006).

Nesse sentido, defendemos a potência de nos desprendermos das estruturas rígidas que submetem a ação de fazer pesquisa aos mecanismos que visam reproduzir e perpetuar uma “cultura do silêncio”. Desprender-se destas normas não significa abandonar a rigorosidade, pelo contrário, trata-se de ver a pesquisa como possibilidade de transformação, um processo criativo e conscientizador de si e do mundo. Dessa maneira, pensar formas de construir relações dialógicas e relacionais na ação pesquisadora é estar comprometido com o exercício rigoroso da reflexão crítica sobre a realidade. Este é um ato rigoroso que não se limita apenas à previsão e constatação de algo, mas, sim, à intervenção na realidade, pois todos temos a capacidade de refletir, avaliar, programar, investigar e transformar (Freire, 1997).

Partindo desta perspectiva, encontramos nos Círculos Epistemológicos uma forma de romper com a visão dualista na ação de fazer pesquisa. Os construtos argumentativos de Romão et al. (2006), ao propor a realização dos Círculos Epistemológicos em investigações científicas, valem-se da prerrogativa de que essa proposta de pesquisa está encharcada dos conceitos basilares da teoria freiriana. Formulada com base nos Círculos de Cultura, contrapõe-se à relação vertical entre pesquisadores/as e interlocutores/as, aludidos enquanto objeto de análise, como comumente acontece em intervenções de pesquisa de campo, para propor a ideia de pesquisandos/as, sujeitos que se colocam em ação, em relação constroem e transformam saberes.

Os Círculos Epistemológicos apresentam-se, segundo Accorssi, Clasen e Veiga Júnior (2021, p. 08), para “quebrar o esquema vertical”, pois “tanto a pesquisa quanto a educação problematizadora afirmam a dialogicidade como princípio suleador das práticas e das

⁶ No Círculo de Cultura de Paulo Freire, “reciprocidade de consciências” é um conceito que apresenta uma ação pedagógica em que não há sujeitos passivos e sujeitos ativos, não há professor e aluno, há um coordenador que tem a função de propiciar condições favoráveis ao diálogo, ao encontro de consciências que atuam no sentido da aprendizagem como processo de conscientização sobre a realidade e da possível superação da situação opressora.

relações” (Accorssi; Clasen; Veiga Junior, 2021, p. 8). Além disso, Romão et al. (2006) também sugere a substituição dos termos “pesquisador” e “pesquisado”, que fazem alusão à dualidade hierárquica na produção de conhecimentos, por *pesquisandos* e *pesquisandas*, tal como Freire propõe ao se referir a “educandos” e “educandas” como sujeitos aprendentes. Romão et al. (2006, p. 182) aduzem que “é o diálogo, no sentido freiriano de interação dialético-dialógica das verdades e perspectivas individuais que dá a dimensão transindividual ao sujeito coletivo e ao conhecimento por ele produzido”. Tanto os pesquisadores se modificam na relação dialógica com os *pesquisandos* quanto os *pesquisandos* na relação com os pesquisadores, assim, ambos são *pesquisandos* e produzem conhecimento resignificando suas compreensões sobre determinados acontecimentos.

Podemos dizer que o ato dialógico é um dos elementos basilares na perspectiva dos Círculos Epistemológicos. Sendo assim, “o conhecimento construído nos Círculos Epistemológicos é manifestação de um processo de conscientização capaz de transformar as concepções que os sujeitos têm da realidade e, conseqüentemente, a sua atuação sobre ela” (Accorssi; Classen; Veiga Junior, 2021, p. 7). À vista disso, baseadas nas contribuições de Romão et al. (2006), adotamos os termos *pesquisandos* e *pesquisandas* para destituir de seus papéis hierárquicos aqueles/as envolvidos/as na pesquisa, sendo todos co-autores na produção de conhecimentos, partes integrantes da ação pesquisadora. Em outras palavras, esse princípio teórico-metodológico “preserva o princípio freiriano de que todos, no Círculo, pesquisadores e *pesquisandos* são sujeitos da pesquisa que, enquanto pesquisam, são pesquisados, e, enquanto são investigados, investigam” (Romão et al., 2006, p. 177) e, mais do que isso, situa o ato de fazer pesquisa em uma perspectiva conscientizadora, em que todos aqueles envolvidos no processo se transformam, ao mesmo tempo que transformam os outros, no transcurso da investigação.

Ao invés da ciência neutra e objetiva, os Círculos Epistemológicos seguem o legado freiriano de que “toda ciência é (cons)ciência” (Romão et al., 2006, p. 4). Conforme construímos a pesquisa, também estamos aprendendo e nos conscientizando. Nas áreas das ciências humanas e sociais, a pesquisa, seja ela empírica ou não, envolve todo um processo de discussão teórica, um momento de criação e recriação do conhecimento criado por outros autores e autoras. Em razão disso, vemos a pesquisa como uma ação pedagógica-dialógica, pois, assim como não existe educação sem pesquisa, não existe pesquisa sem educação. Nesse sentido, cabe àquele que pesquisa:

Aprender a rede de relações sociais e de conflitos de interesse que constitui a sociedade, captar os conflitos e contradições que abrem caminho para as rupturas e mudanças, eis o itinerário a ser percorrido pelo pesquisador que se quer deixar educar pela experiência e pela situação vividas (Oliveira e Oliveira, 2006, p. 25).

Trata-se de um convite a revisitar experiências de modo que nossa relação com a pesquisa seja constituída a partir da reflexão e do mundo, como unidade dialética em contínuo movimento. Existe um caráter histórico-existencial na produção de conhecimentos em que a vida é indissociável do mundo, portanto, nossas experiências de vida são parte fundante da maneira como observamos, reconhecemos, compreendemos e analisamos a realidade.

Entendemos que, assim como nós somos seres inconclusos, sujeitos aprendentes, a ciência é também “um fato social em permanente elaboração e questionamento dentro de cada situação histórica dada” (Oliveira e Oliveira, 2006, p. 24). De acordo com essa perspectiva freiriana, os fatos sociais já não são objeto, mas, sim, produto das ações humanas; todos os envolvidos na ação pesquisadora são pessoas com inserção social e experiências de vida que formam seus pontos de vistas e modelam suas interações sociais com a realidade; não há separação entre os envolvidos na ação pesquisadora, todos são sujeitos da pesquisa, resultado das ações humanas.

Desprender-se das hierarquias que envolvem a ação de pesquisar implica compreender que, assim como o educador precisa “estar imerso na experiência histórica e concreta do(as) alunos(as), mas nunca imerso de forma paternalista de modo a começar a falar por eles mais do que verdadeiramente ouvi-los” (Freire, 2014a, p. 90), aquele que está produzindo a pesquisa também precisa compreender que um dos sentidos pedagógicos da pesquisa está em não silenciar os outros com seu próprio discurso. Isso demonstra o quanto a ação de produzir a pesquisa traz consigo práticas educativas que trabalham a autoconsciência e autocrítica, ação pedagógica de si e do mundo. Para o pensamento freiriano, a todos cabe dizer sua palavra. Antes de transformar o mundo, é preciso pronunciá-lo. É por isso que na pesquisa, todos são sujeitos e co-autores, *pesquisandos e pesquisandas*, aprendentes de si e do mundo, sujeitos em busca da conscientização através de um reconhecimento das contradições estruturantes da sociedade.

3. A potência da imagem na produção de conhecimento

No livro *Essa escola chamada vida*, em uma entrevista com Paulo Freire, enquanto compartilhava uma experiência vivenciada no Programa Especial de Pediatria para refletir

criticamente sobre um médico que se comunicava através de uma linguagem abstrata à comunidade de uma favela, Frei Betto menciona que a linguagem do meio popular “é concreta, visual” (Freire e Betto, 1988, p. 60). Deste modo, é constituída de corpos que levam consigo não apenas arquivos de memórias e palavras, mas também imagens plurais que são constantemente elaboradas e re-elaboradas socialmente (Pereira, 2018).

Ao olharmos de forma crítica os métodos acadêmicos que se debruçam sobre nós e nossas pesquisas, somos convidados a enxergar além da bolha que envolve a produção de conhecimentos, pois nos deparamos com um lugar marcado por hierarquias entre palavra e imagem, entre participantes da pesquisa, entre linguagem abstrata e linguagem visual.

Essas contradições e dualidades estão inscritas nos processos de pesquisa que afirmam a palavra escrita como superior em relação a imagem. São as palavras que dão forma à pesquisa e argumentam ideias, enquanto as imagens ocupam um papel secundário, com tamanho reduzido e, muitas vezes, sem ter a devida atenção. A palavra escrita ainda é utilizada para legitimar pensamentos, no entanto, não podemos desconsiderar o fato de que “las palabras fueron usadas para encubrir la realidad antes que para designarla, lo que permitió desconocer y borrar del debate público, de la ciencia social y de la prensa, la persistencia del problema colonial y del racismo” (Rivera-Cusicanqui, 2015, p. 89). Ou seja, as palavras tendem a dar vazão a eufemismos que velam a realidade e forjam registros no imaginário coletivo.

Embora nem sempre as imagens sejam centrais na pesquisa, se observarmos o cenário atual, é notável que elas estão cada vez mais presentes no dia-a-dia das pessoas. Embora não tenha vivido até o auge do uso de tecnologias digitais no Brasil, Paulo Freire já compartilhava reflexões sobre a internet e os computadores serem uma possibilidade de expandir a capacidade crítica das pessoas, mas, ao mesmo tempo, também apontava para a necessidade de sabermos a serviço de quem e de quê eles são utilizados (Freire, 2014b), pois, por ser uma produção humana, não escapam de trabalhar em favor da dominação.

Com o acesso às tecnologias digitais, nosso contato com imagens foi significativamente ampliado e, se levarmos em consideração que a atual conjuntura está cada vez mais iconográfica, não podemos descartar o fato de que “o mundo dominado pelo projeto global hegemônico (alienado e alienante) é dominado pela imagem” (Romão, 2010, p. 81). Ao longo de nossas vidas, construímos repertórios visuais com base nas imagens que consumimos no dia-a-dia e é a partir delas que formamos perspectivas de mundo.

Diante disso, não podemos cair na falsa impressão de que as imagens são parecidas com o real e por isso o contato com elas não exige um processo de alfabetização ou domínio de código visual. Pelo contrário, de acordo com Freire (2014b, p. 125) “a linguagem da imagem, da mesma forma que a da palavra, implica o domínio de determinados códigos”, pois:

[...] a leitura de imagens demanda uma certa e indiscutível experiência que tem que ver, de novo, com classe social. Há toda uma sintaxe das imagens. E, como a sintaxe não pode nunca estar dicotomizada da semântica, há toda uma semântica das imagens também. O movimento das imagens, a sua posição — que teria a ver com a sintaxe, a que você se referiu antes —, a posição que as imagens ocupam dentro do contexto geral de uma história que elas contam, que tem que ver, já aí, com a sua semântica: isso demanda uma certa prática, uma certa convivência interpretativa, que é a leitura, afinal de contas, e que tem que ver, indiscutivelmente, com o treino, com a experiência, que é social e de classe (Freire, 2014b, p. 126).

Se as imagens formam pontos de vista e são veiculadas a todo momento pelos meios massivos de comunicação, será que sabemos, de fato, lê-las, interpretá-las e trabalhar com elas na ação pesquisadora? Partimos destes questionamentos para refletir sobre a potência das imagens na produção de conhecimentos, pois elas comunicam o vivido, carregam um papel importante na comunicação intercultural, reúnem códigos com múltiplos sentidos, caminham para além do trajeto unilinear homogêneo, condensam outros sentidos (tato, olfato, gosto, movimento e audição), aludem a memória dos povos e “tocan la sensibilidad popular mejor que la palabra escrita” (Rivera-Cusicanqui, 2015, p. 20).

Segundo Romão (2010, p. 92), os estudos freirianos entendem que a imagem, com sua função relacional, é “suporte básico - seja com a escrita, seja sem ela - da leitura de mundo e da comunicação humana dessa leitura”, e é a partir delas que formamos a nossa imagem representativa de mundo e construímos memórias. Existe uma dimensão educativa nas imagens que circulam nos diferentes meios e nos atravessam por diversas vias, podendo estar tanto a serviço da libertação como a serviço da dominação. Tal qual as palavras, as imagens também são produzidas desde a realidade social, trazendo consigo intencionalidades e mecanismos de controle de consciências. É por esse motivo que destacamos a presença da imagem como campo de possibilidades na construção da pesquisa, pois a sua função relacional preserva características imagéticas para representar saberes e culturas através do tempo.

Aprofundar-se na imagem enquanto instrumento relacional de plurais significações nos possibilita compreender que ela também faz parte do processo de produção de conhecimentos, que não se restringe apenas aos métodos estabelecidos pelo meio acadêmico.

Assim, há potência em desprender-se da ideia de que a produção da pesquisa é restrita ao pesquisador ou à palavra, pesquisar não depende da posição acadêmica que se ocupa, mas, sim, “depende da posição no mundo, depende apenas de estar no mundo e com o mundo” (Freire e Betto, 1988, p. 23).

As imagens são a representação da realidade e mesmo não sendo o real em si, podem ser um instrumento importante para trabalhar dentro e a partir das contradições, identificando-as para além de nós, desde o ponto de vista no formato imagético que desperta concepções plurais e, ao mesmo tempo, também pode servir à manutenção de hierarquias no campo social. A partir da imagem, podemos realizar leituras visuais das realidades sociais, desvelando suas contradições e dualidades conflitivas.

Visto isso, na ação de fazer pesquisa, seja ela empírica ou não, podemos pensar formas de usar imagens como parte do referencial teórico e também como ferramenta metodológica. As imagens também podem ser lidas, interpretadas, revisitadas, utilizadas na elaboração de argumentos e exposição de ideias, tanto por aqueles/as que criam a pesquisa teórica ou empírica. No Círculo de Cultura proposto por Paulo Freire, pode-se criar o canal de comunicação através da codificação visual, auditiva, tátil, áudio-visual, pictórica, gráfica e mímica (Freire 1978). Nos Círculos Epistemológicos, por exemplo, devido à sua função relacional e plural, as imagens podem ser utilizadas como canal de comunicação, para leituras críticas sobre a realidade social junto a *pesquisandos/as* que sabem ou não ler a escrita da língua materna.

Utilizar imagens como canal de comunicação na ação de fazer pesquisa nos possibilita integrar a experiência vivida com o acervo de imagens que produzimos, que consumimos na dinâmica relação com o meio social e que foram historicamente produzidas pela humanidade. Assim como a palavra, a imagem também traz um discurso a ser lido e dispõe de uma estrutura de superfície e uma estrutura profunda, podendo ser decodificada coletivamente. Na medida que se olha a imagem como objeto de conhecimento, realiza-se um exercício de penetração na sua estrutura profunda, a camada que não é visível e emerge através do momento em que conseguimos estabelecer a relação entre imagem e contexto social. Nesse momento, aquele/a que olha a imagem é convidado a fazer a sua própria síntese sobre ela, assim, já não se lê apenas a imagem, mas também a realidade (Freire e Betto, 1988; Freire, 1978).

Conscientes de que as imagens reverberam histórias, evocam e constroem memórias, trazemos a tese intitulada *Mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família, residentes na localidade Paredão (Piratini/RS): diálogos sobre (re)existências, colonialidade de gênero e política social* como exemplo de pesquisa que utilizou a metodologia dos Círculos Epistemológicos junto a imagens associadas ao mundo da vida de oito mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família. As imagens foram importantes canais de comunicação, atuaram como ferramentas pedagógicas abertas a promover a conscientização e a análise crítica da realidade, pontos de partida para discussões sobre questões políticas, históricas e sociais.

Na tese, no que concerne a linguagem visual, escolheu-se trabalhar com imagens fotográficas porque, com o avanço das tecnologias digitais e o aumento do uso de *smartphones*, elas se tornaram cada vez mais presentes no cotidiano e, além disso, de acordo com Samain (2012, p. 160), as fotografias são “pequenas peles, as películas de nossa existência”, arquivos guardados em pastas e armários que se acumulam e fazem parte das histórias e memórias que nelas são escritas.

Em um primeiro momento, as *pesquisandas* revisitaram suas próprias fotografias, tanto em álbuns, na câmera do celular, em quadros ou mesmo em outros lugares, para rememorem aspectos de suas biografias. Foi neste momento que pudemos realizar um movimento coletivo de percepção sobre si e o entorno social, pois as mulheres evocaram memórias e construíram histórias na medida que apresentavam suas percepções sobre a vida, além de compartilhar a história da localidade, relacionando esses diferentes tempos-espacos de existência com as políticas públicas que se faziam (ou não) presentes naquele contexto.

Foram entregues às mulheres câmeras digitais compactas, as quais fizeram registros fotográficos por três meses a partir da questão *suleadora*: como o Programa Bolsa Família impactou/impacta (ou não) o teu dia a dia? Tanto as imagens como as mulheres tinham muito a dizer. Em círculo, as *pesquisandas* construíram um espaço de diálogo sobre suas fotografias e as fotografias de outras mulheres, estabelecendo um canal de comunicação e compartilhamento de verdades, entendendo que “as verdades são relacionais – não relativas –, isto é, as verdades são representações histórico-sociais e parciais, dependendo, portanto, da perspectiva e do contexto de quem as enuncia” (Romão *et al.*, 2006, p. 5).

A experiência com os Círculos Epistemológicos e o uso de imagens na fomentação das discussões voltadas à implementação de políticas públicas gerou muitas reflexões e aprendizados, possibilitando o vislumbamento de outros modos de fazer pesquisa. Produzir

conhecimento vai muito além de um trabalho individual, é uma construção coletiva que questiona e confronta as relações de subordinação inscritas no campo epistêmico. Através do processo de diálogo em movimento, anúncio e denúncia, as verdades construídas e compartilhadas coletivamente geraram discussões que possibilitam momentos de codificação e decodificação não apenas das imagens, mas também da realidade social.

As *pesquisandas* também organizaram as imagens que produziram em uma narrativa sobre as próprias biografias, com o objetivo de construir sentido para elas. Em círculo, dispuseram na parede da casa de uma das *pesquisandas* aquelas imagens que fomentaram discussões. Assim, além dos processos de diálogo e compartilhamento, as *pesquisandas* também participaram de um momento de organização das imagens em painéis, estabelecendo relações entre elas por meio de aproximações e características, de modo a continuar com a narrativa verbo-visual, distanciando-se da prerrogativa de uma narrativa linear e cronológica, como podemos ver na Imagem 1.

Imagem 1 – Fotografia da organização das imagens em um processo de montagem e desmontagem.



Fonte: Arquivo pessoal.

Nessa experiência nos Círculos Epistemológicos, apesar de as imagens terem tido um papel central, as palavras também fizeram parte do processo de construção metodológica, pois as narrativas produzidas e relacionadas ao Programa Bolsa Família foram degravadas, bem como os trechos foram impressos e expostos. À medida que as mulheres fixavam os papéis com os excertos escolhidos ao longo dos encontros na parede da casa, as frases eram lidas, convertendo-se em objeto de reflexão e potencializando as reflexões a partir das escolhas, montagem e desmontagem, conforme mostra a Imagem 2.

Imagem 2 - Fotografia dos excertos e das montagens.



Fonte: Arquivo pessoal.

Conforme frases e imagens eram lidas, discutidas através do diálogo, as participantes se converteram em autoras dos processos da pesquisa. A pesquisa foi sendo construída coletivamente por sujeitos da pesquisa que pesquisam e, ao mesmo tempo, são pesquisados, fazendo com que a produção de conhecimentos não se restringisse a uma ação voltada ao trabalho individual. Na relação social, foi construída a razão de existir da pesquisa.

Foram realizadas diversas experimentações até que se chegasse à montagem apresentada nas imagens 1 e 2. Os conhecimentos foram sendo construídos a partir das narrativas, das imagens e das montagens, estabelecendo relações de diálogos e compartilhamentos. Nesses momentos de construção do conhecimento, buscou-se não reproduzir as hierarquias que ainda se debruçam sobre a ação de fazer pesquisa, ninguém ocupou a condição de querer ensinar, apagar ou excluir, eram todas aprendentes, *pesquisandas* de si e do mundo.

Trata-se de um modo de fazer pesquisa que nos possibilita ver além dos métodos tradicionais, aquele em que o pesquisador, desde uma posição imparcial, observa, extrai dados de uma determinada cena para testar hipóteses e constatações. Trabalhar com imagens na

pesquisa é um convite a participar de processos de conscientização coletivos através da linguagem visual, entendendo que:

Las imágenes tienen la fuerza de construir una narrativa crítica, capaz de desenmascarar las distintas formas del colonialismo contemporáneo. Son las imágenes más que las palabras, en el contexto de un devenir histórico que jerarquizó lo textual en detrimento de las culturas visuales, las que permiten captar los sentidos bloqueados y olvidados por la lengua oficial (Rivera- Cusicanqui, 2010, p. 5).

Com suas múltiplas interpretações e significações, a imagem desacomoda aquilo que está acomodado, faz emergir discussões sobre as temporalidades, confronta a “cultura do silêncio” através dos sentidos, pode ser decodificada com base nas experiências construídas ao longo da vida e não apenas por aquilo que entendemos da palavra escrita, ou seja, é um objeto de conhecimento que nos desafia a olhar de forma crítica e sensível para o entorno social e para nós mesmos/as, mostrando-se importante para a conscientização de si e do mundo.

Através da construção narrativa verbo-visual e da produção coletiva de conhecimentos, construímos uma ação de pesquisa que se direciona para além de compreender a realidade, com objetivo principal de enfrentamento e superação da política do silêncio ainda enraizada na estrutura social. Os Círculos Epistemológicos, como concepção ontológica de conhecimentos e sujeitos, pretende, mais do que investigar, apreender a realidade como meio de adentrar suas faces (inclusive, aqui, aquelas ocultas) para transformá-la.

Considerações finais

A partir das reflexões aqui compartilhadas, compreendemos que nós, seres sociais, seja através da palavra escrita ou da imagem, construímos verdades parciais, pois somos inconclusos e incompletos, em construção. Estar conscientes da nossa incompletude nos possibilita entender que somos sujeitos aprendentes. É nesse sentido que apontamos para a urgência de repensarmos os processos de pesquisa e a produção de conhecimentos como um todo no contexto de América Latina e Caribe, dialogando aquilo que produzimos com o nosso contexto histórico, social e cultural, que ainda é permeado por contradições e conflitos fomentados pela “cultura do silêncio”.

Sular os processos de pesquisa é um movimento de denúncia-anúncio que pode contribuir para que a produção de saberes caminhe no horizonte da libertação, de forma relacional e não linear, uma ferramenta dialógica que questiona hierarquias dentro e a partir

das contradições que existem em nós e no mundo. A perspectiva freiriana deixa como legado a ação de ver a história como possibilidade para que, dialogicamente e coletivamente, sigamos comprometidos/as com o enfrentamento da tradição colonial e do pensamento ocidental na organização das dimensões epistemológicas e ontológicas.

É nesse sentido que anunciamos o caráter pedagógico-dialógico presente na ação pesquisadora. Conforme a pesquisa é produzida coletivamente e dialogicamente, todos aqueles envolvidos no processo se conscientizam sobre si, o outro e o mundo. Por meio do contato compreendem a realidade que, não apenas os cerca, mas forma seu modo de subjetivar e compreender as relações. Aprendem sobre si, por meio do contato com o outro, com a natureza e com as distintas relações em formação. Desta maneira, apontamos a dimensão educativa na prática de fazer pesquisa, através da sua perspectiva conscientizadora, que se constrói a partir do diálogo. Nesse processo, não há imparcialidade, são sujeitos políticos denunciando e anunciando suas verdades em construção na relação com a realidade social.

Produzir conhecimento para além dos parâmetros científicos hierárquicos com a qual estamos habituados/as pode ser um grande desafio, pois é uma atitude que exige a realização de constantes exercícios de autocrítica e autoconsciência. Se faz necessário revisitar experiências e estar aberto a aprender com perspectivas alternativas para desacomodar aquilo que está acomodado, questionar as estruturas que se afirmam verdadeiras e unilineares, realizando movimentos de criação e recriação na produção de saberes.

Referências bibliográficas

ACCORSSI, Aline; CLASEN, Julia Rocha; JÚNIOR, Álvaro Veiga. Círculos epistemológicos: reflexões sobre uma abordagem de pesquisa freiriana. **Dialogia**, n. 39, p. 1-14, 2021.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 25-34.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo.** 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo; BETTO, Frei. **Essa escola chamada vida**. Depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. 6ª edição. São Paulo: Ática, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogy of the heart**. New York: Continuum, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa Participante**. 8ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2006. p. 34-41.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. 1ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2014a.

FREIRE, Paulo. **Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014b.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância**. 1ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de; OLIVEIRA, Miguel Darcy de. Pesquisa social e ação educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa Participante**. 8ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2006. p. 17-33.

PEREIRA, D. A. Escritas de si – sobre alteridades e mediações. **Revista de Literatura, História e Memória, Unioeste**, Cascavel, v. 14, n. 23, p. 43-57, 2018.

RIVERA-CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores**. 1ª edição. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

RIVERA-CUSICANQUI, Silvia. **Sociología de la imagen: ensayos**. Cidade Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.

RIVERA-CUSICANQUI, Silvia. **Un mundo ch'ixi es posible**. Ensayos desde un presente en crisis. 1ª edição. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.

ROMÃO, José Eustáquio et al. Círculo Epistemológico: círculo de cultura como metodologia de pesquisa. **Revista Educação & Sociedade**, ano 9, nº 13. Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

ROMÃO, José Eustáquio. Paulo Freire e a imagem. **Educação e Linguagem**, v. 13, n. 22, p. 77-97, jul/dez, 2010.

SAMAIN, Etienne. As peles da fotografia: fenômeno, memória/arquivo, desejo. **Visualidades**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 151-164, jan./jun., 2012.